

Augusto Soares da Silva

*Universidade Católica Portuguesa - Braga; assilva@facfil.ucp.pt*

## Palavras e conceitos no tempo: para uma onomasiologia diacrónica e cognitiva do Português

### 1. Introdução

Muito adequado tributo ao Professor Mário Vilela, que entre nós introduziu e desenvolveu a teoria e a descrição dos campos lexicais, é uma contribuição para a onomasiologia do Português. Esperando prestar esse tributo, o objectivo deste estudo, apesar de breve, é triplo: primeiro, traçar o mapa da onomasiologia, no contexto amplo dos estudos de semântica lexical e, em particular, de variação lexical; segundo, definir a posição específica da onomasiologia diacrónica nesse mapa, em estreita relação com uma onomasiologia pragmática e sociolexicológica; terceiro, e mais importante, apresentar os primeiros resultados do projecto de investigação em curso sobre a relação lexicológica actual entre o Português Europeu e o Português do Brasil, intitulado “Convergência e divergência no léxico do Português”.<sup>1</sup> Estes três objectivos convergem num mais geral: contribuir para o desenvolvimento da onomasiologia diacrónica (e também sincrónica) do Português, mostrando as vantagens da perspectiva (sócio-cognitiva) da Linguística Cognitiva.

A orientação cognitivista fundamenta-se nos muitos e importantes contributos que a Semântica Cognitiva, através da teoria do protótipo e da teoria do nível básico, tem dado à semântica lexical e à lexicologia. Destacam-se aqui, entre outros, os estudos de Dirk Geeraerts e sua equipa (Geeraerts, Grondelaers & Bakema 1994, Geeraerts 1997) e os de Andreas Blank e Peter Koch (Blank 1997, Koch 1997). Pessoalmente, é a vez de passar da semasiologia cognitiva, no estudo sobre o verbo *deixar* (Silva 1999) e outros estudos sobre categorias polissémicas (Silva, em preparação), para a onomasiologia cognitiva do Português, repetindo a própria trajectória do desenvolvimento da Semântica Cognitiva. O projecto de investigação referido apoia-se na concepção geral

---

<sup>1</sup> O Projecto é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Ref<sup>a</sup> POCTI/ LIN/48575/2002) e tem a duração de dois anos (Janeiro 2004 – Janeiro 2006). Integram a equipa de investigação, para além do autor deste texto, José João Dias Almeida, Alberto Manuel Simões, Ana Margarida Abrantes, Ana Margarida Nunes e José Luiz de Lucca.

e nos métodos quantitativos da investigação sociolinguística cognitiva desenvolvida por Dirk Geeraerts e sua equipa para o Neerlandês, nas variedades holandesa e belga (Geeraerts, Grondelaers & Speelman 1999).

## 2. Semântica lexical e variação

No estudo das palavras e seus significados ou sentidos, em geral, bem como no estudo da variação lexical, em particular, podemos partir, ora da palavra para os seus sentidos e referentes (ou campo de aplicação semântica e referencial dessa palavra ou item lexical), ora de um significado ou conceito (ou ainda uma entidade referencial) para as diferentes palavras ou itens lexicais que o designam. Esta distinção foi bem estabelecida na tradição continental da semântica estruturalista (mas quase desconhecida na tradição anglo-saxónica), sob as designações de *semasiologia* e *onomasiologia*, respectivamente. Baldinger (1964, 1977) distingue claramente estas perspectivas:

La Semasiología [...] considera la palabra aislada en el desenvolvimiento de su significación, mientras que la Onomasiología encara las designaciones de un concepto particular, es decir, una multiplicidad de expresiones que forman un conjunto (1977: 268)

Por outras palavras, a distinção entre semasiologia e onomasiologia baseia-se na diferença entre dois importantes fenómenos (não-exclusivamente) semântico-lexicais: *significação* e *nomeação*. Assim, enquanto a semasiologia faz a descrição dos vários sentidos de uma palavra ou outra expressão, a onomasiologia analisa as expressões alternativas pelas quais determinado conceito é nomeado. O nosso estudo sobre *deixar* (Silva 1999) é fundamentalmente semasiológico, embora a perspectiva onomasiológica, das relações entre *deixar* e *abandonar* e *permitir*, por exemplo, não esteja ausente.

Tanto para a lexicologia, em geral, como para o estudo da variação lexical, em particular, importa, porém, estabelecer uma outra distinção, tradicionalmente não reconhecida: a distinção entre duas modalidades de onomasiologia, que a definição de Baldinger toma como equivalentes. Por um lado, investigar a “multiplicidade de expresiones que forman un conjunto” é fazer o estudo, bem conhecido na tradição da semântica estruturalista, da estrutura semântica do léxico, organizado em campos lexicais, taxonomias hierárquicas, “frames” e por relações de sinonímia, antonímia, hiponímia, etc. Por outro lado, analisar as “designaciones de un concepto particular” abre caminho a um outro estudo, praticamente inexistente na tradição estruturalista: o estudo da escolha que os falantes têm que fazer de uma expressão particular para designar ou nomear determinado conceito ou determinado referente (categoria de referentes). Por outras palavras, esta é a distinção, bem estabelecida por Geeraerts (1998, 2002a, Grondelaers & Geeraerts 2003), entre uma onomasiologia *estrutural*, que releva do plano da *langue* ou estrutura – e constitui a modalidade tradicional da onomasiologia –, e uma onomasiologia *pragmática*, que releva do plano da *parole* ou uso real das expressões linguísticas – e se apresenta como um novo desafio ao lexicólogo. A primeira ocupa-se de conjuntos de expressões inter-relacionadas e procura responder à questão de saber quais são as relações existentes entre as expressões alternativas, ao passo que a segunda ocupa-se das escolhas actuais de entre as alternativas disponíveis e procura responder à questão de saber quais são os factores que determinam a escolha de uma ou outra alternativa.

Uma outra distinção básica é a que deve estabelecer-se entre os aspectos *qualitativos* e os aspectos *quantitativos* das estruturas semântico-lexicais, tanto semasiológicas como onomasiológicas. Semasiologicamente, a questão qualitativa tem a ver com a identificação dos sentidos (e tipos de referentes) de uma palavra e das relações entre esses sentidos/referentes, isto é, envolve o estudo da polissemia (e outros fenómenos afins, como a vaguidade) e, nesta implicado, o estudo de relações semasiológicas como a metáfora, a metonímia, a generalização e a especialização de sentido. Onomasiologicamente, a mesma questão conduz ao estudo das relações entre diferentes itens lexicais e, desta forma, à investigação dos diferentes tipos de estruturação do léxico, bem populares na tradição da semântica estrutural, designadamente campos lexicais, taxionomias hierárquicas, mas também “frames” (no sentido de Fillmore 1977), e relações como a sinonímia, a antonímia, a hiponímia, a meronímia (sobre estas e outras relações, ver Cruse 1986), mas também as chamadas metáforas e metonímias *conceptuais* (Lakoff & Johnson 1980, 1999; Silva 2003b), na medida em que constituem verdadeiras estruturas onomasiológicas (metafóricas e metonímicas). Pelo contrário, a dimensão quantitativa, introduzida em semântica lexical pela Semântica Cognitiva, sob a forma da teoria do protótipo (Taylor 1995, Geeraerts 1997) e da teoria do nível básico, envolve, semasiologicamente, as diferenças de saliência entre os vários sentidos/referentes de uma palavra, isto é, o fenómeno da *prototipicidade* e seus efeitos (estrutura de centro vs. periferia, redes radiais, etc.); e, onomasiologicamente, as diferenças de saliência ou *ancoragem* conceptual (“entrenchment”, Langacker 1987) entre diferentes categorias conceptuais e a hipótese do *nível básico* das taxionomias lexicais.

Esta oposição ‘qualitativo/quantitativo’ pode aplicar-se também à onomasiologia pragmática. Mas agora já não se trata tanto da separação entre elementos e relações, de um lado, e diferenças de saliência, do outro, mas sobretudo de diferenças conceptuais, de um lado, e diferenças não-conceptuais entre categorias qualitativamente idênticas, do outro. Assim, a onomasiologia pragmática, em termos qualitativos, ocupa-se da selecção entre categorias conceptualmente diferentes, ora de diferentes níveis taxionómicos ora do mesmo nível taxionómico, ao passo que, quantitativamente, tem a ver com a selecção entre categorias que diferem em termos não-conceptuais, seja a nível emotivo, estilístico, sociolinguístico ou discursivo, isto é, ocupa-se da selecção entre sinónimos conceptuais (denotacionais). Naturalmente que no plano quantitativo há lugar também para diferenças de saliência, na forma de *prevalência sociolinguística* entre esses sinónimos.

Ainda outras distinções relevantes são as que se devem estabelecer entre significado *conceptual* (denotacional ou referencial) e significado *não-conceptual* (emotivo, estilístico, sociolinguístico e discursivo), como acabámos de verificar, e entre sincronia e diacronia.

Estabelecidas estas distinções básicas, chegamos ao próprio campo ou mapa conceptual da semântica lexical, sintetizado no Quadro 1.

**Figura 1: Mapa conceptual da semântica lexical**

	<b>Qualidade: entidades e relações</b>	<b>Quantidade: diferenças de saliência</b>
<b>Semasiologia</b>	Sentidos (polissemia) e relações entre sentidos (metáfora, metonímia, etc.)	Prototipicidade
<b>Onomasiologia estrutural</b>	Itens lexicais e suas relações (campos lexicais, taxionomias, “francês”, sinonímia, antonímia, etc.)	“Entrenchment” e nível básico
<b>Onomasiologia pragmática</b>	Seleção entre categorias conceptualmente diferentes	Prevalência sociolinguística Seleção entre sinónimos conceptuais

Torna-se agora mais fácil identificar as diferentes formas de variação lexical e, simultaneamente, compreender algumas das suas interacções e condicionamentos recíprocos (ver Gearerets, Grondelaers & Bakema 1994 e, para uma síntese, Silva 1996). É o que se representa no Quadro 2. Temos assim as seguintes formas de variação lexical:

- variação *semasiológica*: diferentes sentidos ou (tipos de) referentes de um item lexical e efeitos de prototipicidade; por exemplo, o verbo *deixar*, estudado por Silva (1999, 2003a);
- variação *onomasiológica categorial* (ou *conceptual*): diferentes categorias conceptuais para nomear determinado conceito ou tipo de referentes e diferenças de ancoragem; por exemplo, *jogador* e *atacante*;
- variação *onomasiológica formal* (ou, se quisermos, variação onomasiológica pragmática “não-qualitativa”): diferentes nomes para uma mesma categoria conceptual e diferenças de prevalência sociolinguística; por exemplo, *atacante* e *avançado* ou *guarda-redes* e *goleiro*;
- variação *externa*: variação sociolinguística e estilística, contextual (pragmático-discursiva) e diacrónica.

Os diferentes tipos de variação *externa* podem influenciar qualquer outra variação lexical. Mas há aqui uma diferença a assinalar: a variação externa constitui uma dimensão adicional para as variações semasiológica e onomasiológica categorial, ao passo que é justamente essa variação externa a que define a variação onomasiológica formal, isto é, as diferenças entre os sinónimos denotacionais, de casos como *atacante* vs. *avançado*, *guarda-redes* vs. *goleiro*.

Figura 2: Mapa conceptual da variação lexical

	Qualidade: entidades e relações	Quantidade: diferenças de saliência
<b>Semasiologia</b>	Variação semasiológica	Variação semasiológica
<b>Onomasiologia estrutural</b>	Variação onomasiológica categorial	Variação onomasiológica categorial
<b>Onomasiologia pragmática</b>	Variação onomasiológica categorial	Variação onomasiológica formal
Variação externa (sociolinguística, contextual, diacrónica)		

### 3. Mapa conceptual da onomasiologia

A mesma definição de Baldinger, atrás citada, aponta para uma outra distinção no domínio da onomasiologia, aparentemente idêntica à que ficou estabelecida no parágrafo anterior: o plano *actual* das estruturas sincrónicas (“multiplicidad de expresiones que forman un conjunto”) e o plano *virtual* dos mecanismos de mudança lexical (“designaciones de un concepto particular”). O plano *actual* já foi descrito, quer na sua dimensão qualitativa das estruturas lexicais, designadamente campos lexicais, taxionomias, “frames” e relações lexicais, quer na sua dimensão quantitativa de graus de saliência onomasiológica ou ancoragem conceptual (“entrenchment”) e nível básico. O plano *virtual* envolve os possíveis mecanismos lexicogenéticos de introdução de novas palavras.

Há aqui uma distinção prévia a fazer entre a mudança semasiológica ou desenvolvimento de novos sentidos de uma determinada palavra ou item lexical e a mudança onomasiológica ou expressão de determinado conceito, previamente lexicalizado ou não, por um novo ou diferente item lexical. Metáfora, metonímia, generalização e especialização (a que se juntam as mudanças pejorativas e melhorativas de significado não-conceptual) constituem os principais mecanismos de mudança semasiológica. Por seu lado, a mudança onomasiológica dá-se através dos seguintes mecanismos: “formação de palavras” pela aplicação de regras morfológicas de derivação ou composição, criação de palavras (neologismo, isto é, criação de radicais inteiramente novos), empréstimo, fusão ou mesclagem (*nim* < *não* + *sim*), elipse (*metro* < *metropolitano*), decalque, etimologia popular e ainda extensão semasiológica do campo semântico de uma palavra já existente (para maior desenvolvimento sobre os mecanismos de mudança lexical, tanto semasiológica como onomasiológica, ver Geeraerts 1997, Blank 1999 e Silva 2002).

O plano dos mecanismos lexicogenéticos de mudança envolve não só a dimensão qualitativa dos mecanismos de mudança onomasiológica, acabados de referir, mas também a dimensão quantitativa dos mecanismos lexicogenéticos preferenciais. Entre estes mecanismos preferenciais estão, por exemplo, metáforas conceptuais dominantes para determinado domínio da experiência, bem estudadas por Lakoff & Johnson (1980, 1999), Kövecses (1990, 2000) e muitos outros (do tipo COMPREENDER É VER, TEMPO É ESPAÇO, PALAVRAS/IDEIAS SÃO CONTENTORES, EMOÇÃO É FORÇA; ver Silva 2003b, para uma síntese e discussão da teoria cognitiva da metáfora conceptual), e outros padrões recor-

rentes ou tendências de conceptualização. Situa-se aqui a importante investigação etimológica e cognitiva de Andreas Blank (infelizmente já falecido) e Peter Koch, explorando preferências e possíveis trajectórias de lexicalização no inventário etimológico das línguas românicas, e sistematizando-as num projecto de dicionário etimológico das mesmas (Blank & Koch 1999, 2003). E aqui também se situa o nosso estudo sobre um triângulo evolucionário interlinguístico, desenhado pelas associações sistemáticas entre os conceitos ‘libertar’, ‘partir’ e ‘permitir’, em diferentes tipos de línguas, incluindo não-europeias (Silva 2001, 2004c).

Sintetizando, o Quadro 3 representa uma primeira aproximação ao mapa conceptual da onomasiologia.

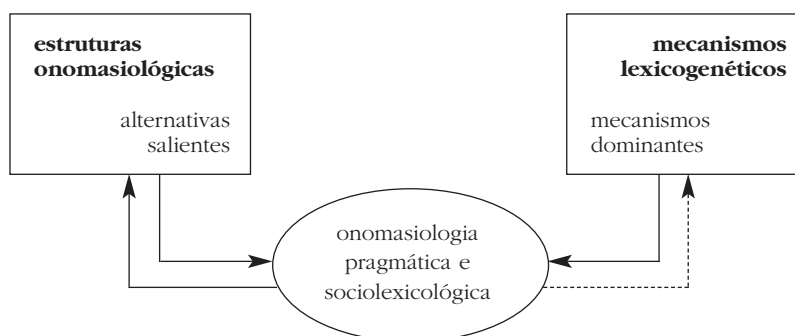
**Figura 3: Mapa conceptual da onomasiologia**

	<b>Qualidade: entidades e relações</b>	<b>Quantidade: diferenças de saliência</b>
<b>Estruturas sincrónicas</b>	Estruturas lexicais (campos lexicais, taxionomias, “frames”, relações lexicais)	Saliência onomasiológica (“entrenchment”, nível básico)
<b>Mecanismos de mudança</b>	Mecanismos lexicogenéticos (formação de palavras, neologismo, empréstimo, extensão semasiológica, etc.)	Mecanismos lexicogenéticos preferenciais (metáforas dominantes, etc.)

Uma visão mais completa da onomasiologia implica o reconhecimento da dimensão *actual* ou *on-line* quer da realização das mudanças onomasiológicas, quer das escolhas que os falantes efectuam quando nomeiam determinado conceito. Por outras palavras, implica o reconhecimento da sociolexicologia e da onomasiologia pragmática. Separemos estas duas vertentes da dimensão *on-line* da onomasiologia. Por um lado, uma coisa é identificar os possíveis mecanismos de mudança onomasiológica e outra coisa é ver como é que esses mecanismos conduzem a mudanças nos hábitos de uma comunidade linguística, como é que as mudanças se propagam, e estudar, enfim, o processo da “mão invisível”, na brilhante caracterização de Keller (1994), característico de qualquer mudança linguística. Se o primeiro aspecto é objecto da *lexicogénese*, o segundo é típico da *sociolexicologia*. O estudo sociolexicológico coincide assim com a perspectiva pragmática das escolhas onomasiológicas e envolve todos os valores não-referenciais dos itens lexicais (emotivos, estilísticos, discursivos e todos os aspectos sociolinguísticos), na medida em que o significado não-referencial está geralmente implicado no modo como as inovações lexicais se propagam na comunidade linguística. Retomando as distinções feitas acima entre os diferentes tipos de variação lexical, é a variação *onomasiológica pragmática formal* e, dela fazendo parte integrante, a variação *externa* o objecto mais específico da sociolexicologia. Por outro lado, a mediação indispensável entre as estruturas lexicais e os mecanismos lexicogenéticos é feita pela onomasiologia pragmática: todo o acto onomasiológico de nomeação pressupõe o conjunto das expressões já disponíveis e os mecanismos lexicogenéticos de criação

de novas expressões; inversamente, não há mudanças nas estruturas e nos mecanismos sem haver escolhas e mudanças a nível da *parole*. Tudo isto evidencia a posição central da *onomasiologia pragmática e sociolexicológica* no domínio da onomasiologia. O Quadro 4, tomada de Geeraerts (2002a: 41), representa bem esta centralidade e toda a arquitectura da onomasiologia.

Figura 4: Centralidade da onomasiologia pragmática



O acto onomasiológico de escolha de um item lexical para nomear determinado conceito tem como *input* (cf. as setas que se dirigem para o centro) o mapa representado no Quadro 3, isto é, de um lado, as estruturas onomasiológicas, incluindo o aspecto quantitativo das alternativas salientes, e, do outro lado, os mecanismos lexicogenéticos, incluindo a dimensão quantitativa dos mecanismos dominantes. Quer dizer: escolher uma expressão pode consistir ora num acto de selecção entre alternativas já existente, ora num acto de criação de uma nova alternativa mediante os mecanismos lexicogenéticos disponíveis. Por outro lado, a mudança das estruturas e dos mecanismos é o *output* (cf. as setas que se dirigem para os rectângulos) de actos de escolha onomasiológica. Quer dizer: as escolhas pragmáticas podem afectar, primariamente, as estruturas sincrónicas, através da adição ou remoção de sentidos e itens ou de mudanças de saliência, e, secundariamente (donde a seta descontinua), os mecanismos lexicogenéticos. Finalmente, a onomasiologia pragmática implica uma investigação sociolexicológica: na escolha entre expressões alternativas, os falantes têm em consideração os seus valores não-referenciais e sociolinguísticos e, inversamente, a propagação de uma mudança na comunidade linguística é o efeito cumulativo de escolhas individuais.

Importa ainda esclarecer a questão essencial da onomasiologia pragmática: quais os factores que determinam ou, pelo menos, influenciam a escolha de um nome para determinado conceito ou referente; por outras palavras, quais os factores que condicionam a *escolha onomasiológica* ou o acto efectivo de *nomeação*? A resposta, dada por Geeraerts, Grondelaers & Bakema (1994) com base numa investigação sobre termos de vestuário do neerlandês, inclui os seguintes factores: (i) a saliência semasiológica ou grau de prototipicidade do conceito/referente relativamente à estrutura semasiológica da categoria; (ii) a saliência onomasiológica ou ancoragem (“entrenchement”) da categoria nomeada pela expressão; e (iii) valores contextuais de natureza emotiva, prag-

mático-discursiva e, particularmente, sociolinguística (geográfica, social, estilística, histórica), envolvendo a competição de diferentes variedades e/ou variantes de uma língua. Dito de modo mais resumido, os factores determinantes da escolha onomasiológica são (i) a distância semântica entre o alvo e as designações alternativas, (ii) o peso onomasiológico das designações alternativas e (iii) traços sociolinguísticos das expressões alternativas.

#### 4. Onomasiologia cognitiva

Para se entender melhor o alcance de uma *onomasiologia diacrónica cognitiva*, vejamos, muito sumariamente, em que é que as quatro principais tradições de semântica lexical têm contribuído para o desenvolvimento da onomasiologia (para mais informação, ver Geeraerts 1999, 2002b). A semântica pré-estrutural, dominante entre 1870 e 1930 e representada nos trabalhos de Paul, Bréal, Darmesteter, Wundt e muitos outros, introduziu terminologia básica para a descrição dos mecanismos lexicogenéticos e, embora mais empenhada no estudo da mudança semasiológica, ocupou-se também de mecanismos de mudança onomasiológica, como o empréstimo e a etimologia popular. O contributo da tradição pré-estruturalista situa-se, pois, a nível da dimensão qualitativa dos mecanismos de mudança lexical (cf. célula inferior esquerda da tabela do Quadro 3). A semântica estrutural, predominante entre 1930 e 1960 e representada nos trabalhos de Trier, Weisgerber, Coseriu, Lyons, Pottier e outros teóricos dos campos lexicais e, entre nós, nos trabalhos de Mário Vilela, deixou dois importantes contributos para a onomasiologia: um, a nível da dimensão qualitativa das estruturas onomasiológicas sincrónicas (célula superior esquerda da tabela do Quadro 3), identificando e descrevendo campos lexicais, taxinomias hierárquicas, relações lexicais e relações sintagmáticas no léxico; o outro, a nível da dimensão qualitativa dos mecanismos de mudança (célula inferior esquerda), considerando os conflitos homonímicos como um dos possíveis factores explicativos da mudança onomasiológica (cf. trabalhos de Gilliéron). A semântica generativa (uma semântica neo-estrutural), iniciada nos anos 60 e originariamente representada nos trabalhos de Katz, Bierwisch, Leech e outros teóricos da análise componencial, bem como a recente semântica neo-generativa, representada nos trabalhos de Pustejovsky (1995), ambas centradas na dimensão qualitativa das estruturas semasiológicas, não deram contributo significativo à onomasiologia. Finalmente, a semântica cognitiva, iniciada no início dos anos 80 e representada nos trabalhos de Lakoff, Langacker e Talmy (as três principais figuras da Linguística Cognitiva) e muitos outros, tem dado três importantes contributos para a onomasiologia (que se situam na célula inferior esquerda e nas duas células da direita da tabela do Quadro 3): (i) a atenção prestada a estruturas onomasiológicas praticamente desconhecidas na tradição estruturalista, designadamente os “frames”, desenvolvidos por Fillmore (1977, 1985, Fillmore & Atkins 1992), e as metáforas conceptuais generalizadas (Lakoff & Johnson 1980, 1999), que constituem autênticos campos lexicais figurativos; (ii) a introdução da dimensão *quantitativa* no estudo das estruturas onomasiológicas, com a teoria do nível básico, na linha dos trabalhos pioneiros de Berlin e Kay; e (iii) a introdução da dimensão *quantitativa* no estudo dos mecanismos lexicogenéticos, identificando mecanismos preferenciais, metáforas dominantes ou mesmo universais (Lakoff & Johnson 1980, 1999; Kövecses 1990, 2000), tendências de conceptualização de alvos onomasiológicos,



trajectórias de lexicalização (Blank & Koch 1999, 2003, Silva 2001, 2004c). A semântica cognitiva tem contribuído, assim, para um significativo alargamento do campo de investigação onomasiológica, introduzindo as duas dimensões quantitativas dos fenómenos onomasiológicos.

Mas há ainda a acrescentar os importantes contributos da semântica cognitiva para a onomasiologia pragmática e sociolexicológica, praticamente inexistente nas tradições anteriores, representados sobretudo nos trabalhos pioneiros, tanto sincrónicos como diacrónicos, de Dirk Geeraerts e sua equipa (Geeraerts, Grondelaers & Bakema 1994, Geeraerts, Grondelaers & Speelman 1999), e noutros estudos diacrónicos, como o de Molina (2000). É justamente aqui que se situa o presente projecto de investigação sobre a relação lexicológica entre o Português Europeu e o Português do Brasil.

Podemos identificar duas razões de fundo para os contributos e as vantagens da perspectiva cognitiva. Primeiro, estando a Linguística Cognitiva, desde o início, empenhada no estudo da categorização, entendida como sendo a função básica da linguagem (Silva 2004b), é natural que a dimensão onomasiológica esteja no centro das atenções: do ponto de vista do falante, o acto básico de categorização é precisamente a escolha onomasiológica de uma categoria para exprimir determinada ideia. Segundo, a Linguística Cognitiva caracteriza-se especificamente por uma perspectiva recontextualizante (reintegrando no estudo da linguagem as diferentes formas de contexto, excluídas pelos modelos gramaticais autonomistas), experiencialista (Lakoff & Johnson 1999, Silva 2004a), orientada para o significado (nos seus diferentes tipos, incluindo o não-referencial) e baseada no uso. Resulta daqui a inevitabilidade de uma sociolexicologia cognitiva, em particular, e de uma sociolinguística cognitiva, em geral, justificada por Geeraerts (2003).

### **5. Metodologia: onomasiologia quantitativa**

Como medir o grau de conformidade onomasiológica – grau de conformidade da escolha lexical – entre dois sub-conjuntos de uma base de dados de uma língua (por exemplo, entre duas variantes regionais)? Como medir a distância lexical entre duas variedades de uma língua (por exemplo, o Português Europeu e o Português do Brasil)? Como medir a convergência ou divergência lexical entre duas variantes ou variedades? A unidade de investigação em lexicologia quantitativa liderada por D. Geeraerts tem desenvolvido métodos quantitativos, fundamentados nas noções de *perfil onomasiológico* e *uniformidade* (ver exposições sintetizadas em Geeraerts 2001 e Speelman, Grondelaers & Geeraerts 2003).

O *perfil onomasiológico* de um conceito/referente numa determinada variedade linguística é o conjunto de sinónimos usados para designar esse conceito/referente nessa variedade linguística, diferenciados pela sua frequência relativa. Relativamente ao método clássico das *palavras-chave* (em que a frequência de um termo num *corpus* é comparada à frequência desse termo noutro *corpus*), o método dos *perfis* tem, para além do mais, a vantagem de neutralizar efeitos temáticos: por exemplo, a frequência absoluta elevada do termo *goleiro* pode ter a ver com a especificidade temática do contexto em que ocorre (texto sobre futebol e texto da variedade brasileira).

A *uniformidade* é a medida da correspondência entre dois conjuntos de dados, definidos em termos de perfis onomasiológicos. Por exemplo, a uniformidade de um deter-

minado conceito entre duas amostras, em que uma contém 6 ocorrências do termo A e 4 do termo B e a outra 3 ocorrências do termo A e 7 do termo B, resulta do número de pares comuns de nomeação desse conceito (7 pares), sendo portanto de 70%. Este mesmo resultado obtém-se somando as frequências relativas mais pequenas de cada termo alternativo: 30% do termo A (3 usos, provenientes da segunda amostra) e 40% do termo B (4 usos, provenientes da primeira amostra).

Em termos técnicos, o cálculo de uniformidade de um conceito pode ser formulado da seguinte forma:

$$U_Z(Y_1, Y_2) = \sum_{i=1}^n \min(F_{z,y_1}(X_i), F_{z,y_2}(X_i))$$

Isto é, a uniformidade U para um conceito Z entre duas amostras  $Y_1$  e  $Y_2$  equivale à soma  $\sum$  dos mínimos das frequências relativas F do termo x nos perfis onomasiológicos de Z em  $Y_1$  e  $Y_2$ . O símbolo  $x_i$  representa os diferentes termos  $x_1$  a  $x_n$  usados nas amostras Y para designar o conceito Z.

Quando estão em causa vários conceitos, a uniformidade média é calculada em termos de *média ponderada*, através da seguinte fórmula:

$$U'(Y_1, Y_2) = \sum_{i=1}^n U_{z_i}(Y_1, Y_2) \cdot G_{z_i}$$

A uniformidade U' para um conjunto de conceitos Z entre duas amostras  $Y_1$  e  $Y_2$  equivale à soma dos valores-U dos Zs ponderados pela frequência relativa G de Z dentro do conjunto total de Zs. Obtém-se o coeficiente de ponderação  $G_{z_i}$  ou frequência relativa de um conceito Z, dividindo a soma das ocorrências de Z em  $Y_1$  e  $Y_2$  pelo número total de ocorrências para os conceitos  $Z_1$  a  $Z_n$ .

Resumindo, o cálculo da conformidade onomasiológica entre duas variantes de uma língua faz-se medindo o grau de uniformidade entre perfis onomasiológicos dessas variantes. Diacronicamente, podemos dizer que essas variantes se encontram num processo de convergência quando a medida de uniformidade U aumenta, e num processo de divergência quando U diminui.

## 6. Estudo de caso: convergência e divergência lexical entre o Português Europeu e o Português do Brasil

Vamos agora apresentar os primeiros resultados do projecto de investigação em curso, referido na primeira secção, sobre a relação lexicológica entre as variedades europeia e brasileira. O objectivo principal do projecto é saber se as duas variedades nacionais da língua portuguesa estão envolvidas num processo de convergência ou divergência lexical. Tal objectivo implica obviamente uma análise diacrónica. O período em análise abrange as últimas cinco décadas e o material coligido pertence aos anos 50, 70 e 90-00. Secundariamente, pretendemos também investigar, em cada uma das variedades nacionais, a distância sincrónica entre padrão e registos intermédios, e, desse modo, verificar se a estratificação lexical das duas variedades é idêntica ou diferente.

Esta é uma investigação de onomasiologia diacrónica pragmática e sociolinguística (nos sentidos acima referidos). A sua base empírica consiste em largos milhares de observações do uso de termos alternativos, concretamente sinónimos denotacionais, para nomear 40 conceitos de dois domínios ou campos lexicais – 20 conceitos do campo

do futebol e 20 conceitos do campo da moda/vestuário – e ainda 10 conceitos isolados de alta e baixa frequência. A base de dados resultante compreende pois as frequências de cada um dos termos dos 50 *perfis onomasiológicos* em textos portugueses e brasileiros. Poderemos assim verificar, por exemplo, a repartição quantitativa dos termos *atacante, avançado, avante, dianteiro, forward* e *ponta-de-lança* para designar o conceito de ‘atacante’, ou para o conceito de ‘fora-de-jogo’ saber se há preferência pela expressão *deslocação, fora-de-jogo, impedimento* ou então *offside*.

Porquê os sinónimos denotacionais como objecto de análise; o mesmo é dizer, porquê a onomasiologia pragmática *formal* ou *não-qualitativa* como perspectiva preferencial para o estudo das relações lexicológicas entre as duas variedades do Português? Primeiro, porque os sinónimos denotacionais são os que melhor revelam diferenças regionais, sociais, estilísticas e históricas, na base das quais se definem a própria existência e a competição de diferentes variedades e variantes de uma língua. Depois, porque o estudo da variação onomasiológica pragmática formal e da consequente variação externa permite compreender os aspectos sociais da variação lexical, incluindo as relações entre diferentes variedades de uma língua.

Os dados são extraídos de três fontes: (i) jornais e revistas de desporto e moda dos primeiros anos das décadas de 50, 70 e 90-00 – designadamente, e em relação ao futebol, os jornais portugueses *A Bola, Record, Mundo Desportivo* e *O Jogo* e os jornais brasileiros *Jornal dos Sports* (Rio de Janeiro) e *Gazeta Esportiva* (São Paulo) –; (ii) linguagem da Internet (tanto a conversação *off-line* de fóruns de discussão, como a conversação *on-line* de IRC ou *chats*); e (iii) etiquetas e catálogos de lojas de vestuário de diferentes cidades tanto de Portugal como do Brasil. Adicionaremos os resultados de um inquérito dirigido a estudantes dos dois países.

O *corpus* resultante é, assim, estruturado na base de três variáveis:

- geográfica: Portugal vs. Brasil
- diacrónica: 1950, 1970, 1990-2000
- estilística: jornais e revistas de qualidade > jornais e revistas populares > Net-*off-line* > etiquetas e catálogos + Net-*on-line* (*chats*).

Actualmente com cerca de 2 milhões de palavras, provenientes de alguns dos jornais de desporto referidos, designadamente *A Bola* e *Jornal dos Sports*, espera-se que chegue aos 6 milhões. Será disponibilizado no sítio da Linguateca, em [www.linguateca.pt](http://www.linguateca.pt).

Sem pretendermos aqui descrever a história recente das relações entre o Português Europeu e o Português do Brasil, deixamos tão somente alguns dados de contextualização para a presente investigação. A questão da *língua brasileira* volta a colocar-se hoje, numa atitude e num tom por vezes idênticos aos tomados no passado (com a independência do Brasil, em 1822, e com o romantismo e, já no começo do séc. XX, com o modernismo), mas agora apoiada num rico acervo de investigações (socio)linguísticas. Um exemplo é o famoso ensaio do linguista brasileiro M. Bagno (2001), *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa*.

Ora, são inegáveis as diferenças entre a língua que se fala no muito grande território do Brasil e a do pequeno Portugal, nos vários níveis da estrutura e do uso linguísticos, mas a grande maioria dos linguistas e falantes dos dois países continua a pensar e sentir que essas diferenças não são suficientes para anular o conjunto de semelhan-

ças que tornam possível continuar a falar de duas variedades de uma mesma língua, que ocupa o quinto lugar das línguas mais faladas do mundo, tecnicamente designadas como *Português do Brasil* (ou *Português Brasileiro*) e *Português Europeu*. É igualmente evidente a clara discrepância (ainda) existente no Português do Brasil entre a norma tradicional idealizada e prescritiva e a norma (ou normas) real dos grandes centros urbanos, assim como uma crescente standardização do Português Europeu, a partir da revolução democrática de 1974. E ainda a crescente influência da variedade brasileira, em grande parte através das telenovelas, nas variedades europeia e africanas. Mas não há hipóteses claras quanto à relação lexicológica actual entre as duas variedades nacionais do Português, designadamente saber se elas se encontram em convergência ou divergência lexical. A hipótese da divergência parece colher (mais) adeptos. Citando um exemplo, o colunista português Francisco Belard, num artigo de opinião sobre a língua portuguesa no Brasil e em Portugal, publicado num jornal de referência, escreve: “Continua a haver uma só língua portuguesa, mas nos últimos 50 anos, digamos, têm-se acentuado as diferenças na sintaxe e no léxico – sobretudo no vocabulário corrente” (Belard 2001).

Apresentamos a seguir a lista dos 20 conceitos nominais (substantivos) de futebol e respectivos sinónimos denotacionais,<sup>2</sup> em estudo na fase actual da investigação:

**ÁRBITRO:** *árbitro, juiz, juiz de campo, “ref(eree)”, referi, refre.*

**ÁRBITRO AUXILIAR:** *árbitro auxiliar, árbitro assistente, auxiliar, 2º/3º árbitro, bandeirinha, fiscal de linha, juiz de linha.*

**ATACANTE:** *atacante, avançado, avante, dianteiro, “forward”, ponta-de-lança.*

**BALIZA:** *arco, baliza, cidadela, “goal”, gol, marco, meta, vala.*

**BOLA:** *balão, bola, couro(inbo), esfera, esférico, pelota.*

**COMPETIÇÃO:** *batalha, choque, combate, competição, confronto, desafio, disputa, duelo, embate, encontro, jogo, justa, luta, “match”, partida, peleja, prélio, prova, pugna.*

**DEFESA:** *“(full-)back”, beque, bequeira, defensor, defesa, zagueiro.*

**EQUIPA:** *conjunto, formação, eleven, equipa, equipe, esquadra, esquadrao, grupo, “match”, onze, onzena, plantel, quadro, “team”, time, turma.*

**EXTREMO:** *extremo, ponta, ponteiro.*

**FALTA:** *falta, “foul”, golpe (baixo, irregular), infra(c)ção, obstru(c)ção, transgressão, violação (das regras).*

**FINTA:** *corte, drible, engano, “feint”, finta, lesa, manobra enganadora, simulação.*

**FORA-DE-JOGO:** *banheira, deslocação, fora-de-jogo (fora de jogo), impedimento, “off-side” (“off-side”).*

**GOLO:** *bola, “goal”, gol (gól), golo, ponto, tento.*

**GRANDE PENALIDADE:** *castigo máximo, castigo-mor, falta máxima, grande penalidade, penalidade, penalidade máxima, penáti (pênalti, pénalti), “penalty”.*

**GUARDA-REDES:** *arqueiro, “goal-keeper”, goleiro, golquíper, guarda-meta, guarda-rede, guarda-redes, guarda-vala, guarda-valas, guardião, “keeper”, quíper, vigia.*

<sup>2</sup> Esta lista foi elaborada a partir dos dicionários de referência da língua portuguesa (Academia das Ciências de Lisboa, Houaiss, Aurélio, Porto Editora) e de alguns dicionários especializados de futebol, tanto brasileiros como portugueses, e ainda de estudos linguísticos sobre o futebol, como o de Feijó (1998). Os estrangeirismos que conservam a sua forma original estão indicados entre aspas.

**JOGADA:** *jogada, lance, lanço.*

**MÉDIO:** *central, centro-campista, centro-médio, médio, meia, meio-campista, meio-campo, "midfield", volante.*

**PONTAPÉ DE CANTO:** *canto, chute de canto, córner (corner), escanteio, esquinado, pontapé de canto, tiro de canto.*

**PONTAPÉ LIVRE:** *chute directo, "free(-kick)", livre (directo, indirecto), pontapé livre, tiro dire(c)to, tiro livre (direto, indireto).*

**PONTAPÉ:** *chute, chuto, "kick(-off)", panázio, pelotada, pontapé, quique, "shoot", tiro.*

**TREINADOR:** *mister, orientador, técnico, treinador.*

Desta lista, temos resultados de 10 perfis onomasiológicos. O Quadro 5 apresenta os valores de uniformidade de cada conceito (U) e de uniformidade média (U') de 10 conceitos de futebol do português de Portugal (P) e do Brasil (B), das décadas de 50 (P50/B50), 70 (P70/B70) e 90-00 (P00/B00), relativamente a um *corpus* de textos dos jornais *A Bola* (Portugal) e *Jornal dos Sports* (Brasil), com uma extensão de mais de 1,5 milhões de palavras. A respectiva base de dados é constituída por 15.000 observações do uso dos referidos termos designativos destes conceitos. Em anexo, apresentamos a totalidade dos dados, incluindo as frequências dos respectivos itens lexicais observados.

**Figura 5: Valores de U e U' de 10 conceitos de futebol**

	U P50/B50	U' P50/B50	U P70/B70	U' P70/B70	U P00/B00	U' P00/B00
<b>Atacante</b>	21,9%	3,06	30,1%	3,35	11,8%	1,41
<b>Guarda-redes</b>	7,6%	0,78	1,4%	0,13	0,0%	0,00
<b>Golo</b>	16,7%	7,05	0,2%	0,10	0,0%	0,00
<b>Pontapé de canto</b>	0,4%	0,02	3,8%	0,08	0,0%	0,00
<b>Grande penalidade</b>	32,4%	2,07	0,5%	0,02	0,0%	0,00
<b>Fora-de-jogo</b>	12,5%	0,23	0,0%	0,00	0,0%	0,00
<b>Finta</b>	70,6%	0,85	59,5%	0,75	75,0%	0,58
<b>Árbitro</b>	57,5%	6,13	23,7%	2,15	95,0%	7,12
<b>Falta</b>	61,9%	2,53	86,0%	2,90	91,8%	5,87
<b>Pontapé</b>	3,1%	0,15	0,0%	0,00	0,0%	0,00
<b>Total U'</b>		22,86		9,49		14,98

Os dados mostram divergência, mais acentuada da década de 50 para a de 70 e menor daquela para os anos 90-00:

$$\begin{array}{rcl}
 U' (P50,B50) & < & U' (P70,B70) & > & U' (P00,B00) \\
 22,86 & < & 9,49 & > & 14,98
 \end{array}$$

Naturalmente que este resultado é ainda (bastante) parcial. Mas, mesmo assim, poderá já corroborar a hipótese plausível de divergência entre as duas variedades nacionais do Português, mais acentuada até aos anos 70, e menor (ou uma certa reconvergência), a partir de então, por razões sociais, políticas, culturais, económicas bem conhecidas.

## 7. Conclusão

Na sequência de outros estudos para outras línguas, inspirados na perspectiva cognitiva, defendemos quatro teses no plano teórico-metodológico. Primeiro, a semântica diacrónica não pode limitar-se à dimensão tradicional dos mecanismos semasiológicos, não pode centrar-se nas motivações e nos mecanismos da mudança dos sentidos das palavras. Segundo, a onomasiologia diacrónica deverá incorporar uma onomasiologia pragmática e sociolexicológica: a centralidade da onomasiologia *pragmática* (ou estudo dos factores que determinam as escolhas entre expressões alternativas) revela-se na mediação que consegue entre o que é virtual (mecanismos de mudança) e o que é actual (estruturas sincrónicas), na combinação que garante das dimensões *qualitativa* (fenómenos relevantes) e *quantitativa* (graus de saliência), na inclusão que faz dos aspectos não-conceptuais (emotivos, estilísticos, discursivos e sociolinguísticos) dos itens lexicais, e no facto de tornar visível a *mão invisível* da mudança linguística. Terceiro, a onomasiologia diacrónica deverá desenvolver métodos quantitativos dignos da sociolinguística contemporânea. Finalmente, a onomasiologia cognitiva é decisiva para o estudo da função cognitiva básica da linguagem – a categorização –, já que responde a uma das duas partes deste processo – o acto de selecção de uma categoria para exprimir determinada ideia.

Com o presente projecto de onomasiologia diacrónica e cognitiva do Português, esperamos poder contribuir para (i) o conhecimento das relações lexicológicas actuais entre o Português Europeu e o Português do Brasil, nomeadamente, saber se há convergência ou divergência entre as duas variedades nacionais da língua portuguesa; (ii) o desenvolvimento da sociolexicologia do Português (os estudos sociolinguísticos existentes privilegiam, geralmente, as diferenças fonéticas e sintácticas); e (iii) a concepção e implementação de políticas da língua portuguesa, como língua transnacional e transcontinental que é.

## BIBLIOGRAFIA

- BELARD, Francisco (2001), "Brasil e Portugal", Jornal *Expresso*, 5 Maio 2001, Cartaz, p. 66.
- BAGNO, Marcos (2001), *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa*, Parábola, São Paulo.
- BALDINGER, Kurt (1964), "Sémasiologie et onomasiologie", *Revue de Linguistique Romane* 28, pp. 249-272.
- \_\_\_\_ (1977), *Teoría Semántica*, Madrid, Alcalá.
- BLANK, Andreas (1997), *Prinzipien des lexikalischen Bedeutungswandels am Beispiel der romanischen Sprachen*, Tübingen, Niemeyer.
- \_\_\_\_ (1999), "Why do new meanings occur? A cognitive typology of the motivations for lexical semantic change", in Blank, Andreas & Koch, Peter (eds.), *Historical Semantics and Cognition*, Berlin, Mouton de Gruyter, pp. 61-89.
- BLANK, Andreas e KOCH, Peter (1999), "Onomasiologie et étymologie cognitive: l'exemple de la TÊTE", in Vilela, Mário & Silva, Fátima (orgs.), *Actas do 1º Encontro Internacional de Linguística Cognitiva*, Porto: Faculdade de Letras do Porto, pp. 49-71.
- \_\_\_\_ e GÉVAUDAN, Paul (2003), "Onomasiologie, sémasiologie et l'étymologie des langues romanes: esquisse d'un projet", in Miret, Fernando Sánchez (ed.), *Actas del XXIII Congreso Internacional de Lingüística y Filología Románica*, Vol. IV, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, pp. 103-114.
- CRUSE, D. Alan (1986), *Lexical Semantics*, Cambridge, Cambridge University Press.
- FEIJÓ, Luiz Cesar Saraiva (1998), *Brasil x Portugal: Um derby lingüístico*, Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Língua e Literatura.
- FILLMORE, Charles (1977), "Scenes-and-frames semantics", in Zampolli, A. (ed.), *Linguistic Structures Processing*, Amsterdam, North Holland, pp. 55-81.
- \_\_\_\_ (1985), "Frames and the semantics of understanding", *Quaderni di Semantica* 6-2, pp. 222-254.
- FILLMORE, Charles J. e ATKINS, Beryl T. (1992), "Toward a frame-based lexicon: the semantics of RISK and its neighbors", in Lehrer, A. & Kittay, E. (eds.), *Frames, Fields, and Contrasts. New Essays in Semantic and Lexical Organization*, Hillsdale, Lawrence Erlbaum, pp. 75-102.
- GEERAERTS, Dirk (1997), *Diachronic Prototype Semantics. A Contribution to Historical Lexicology*, Oxford, Clarendon Press.
- \_\_\_\_ (1998), "Sémantique cognitive et onomasiologie", *Revista Portuguesa de Filologia* 22, pp. 329-339.
- \_\_\_\_ (1999), "Hundred years of lexical semantics", in Vilela, Mário & Silva, Fátima (orgs.), *Actas do 1º Encontro Internacional de Linguística Cognitiva*, Porto, Faculdade de Letras, pp. 123-154.
- \_\_\_\_ (2001), "On measuring lexical variation", in Silva, Augusto Soares (org.), *Linguagem e Cognição: A Perspectiva da Linguística Cognitiva*, Braga, Associação Portuguesa de Linguística e Universidade Católica Portuguesa, pp 51-61.
- \_\_\_\_ (2002a), "The scope of diachronic onomasiology", in Ágel, Vilmos, Gardt, Andreas, Hass-Zumkehr, Ulrike & Roelcke, Thorsten (eds.), *Das Wort: Seine strukturelle und kulturelle Dimension*, Tübingen, Max Niemeyer, pp. 29-44.
- \_\_\_\_ (2002b), "The theoretical and descriptive development of lexical semantics", in



- Behrens, Leila & Zaefferer, Dietmar (eds.), *The Lexicon in Focus: Competition and Convergence in Current Lexicology*, Frankfurt, Peter Lang, pp. 23-42.
- \_\_\_\_ (2003), “‘Usage-based’ implies ‘variational’. On the inevitability of Cognitive Sociolinguistics”, conferência plenária apresentada no 8<sup>th</sup> *International Cognitive Linguistics Conference*, Logroño, Universidade de La Rioja, 20-25 Julho 2003.
- \_\_\_\_ (2004), “Cultural models of linguistic standardization”, in Silva, Augusto Soares, Torres, Amadeu & Gonçalves, Miguel (orgs.), *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*, Vol. I, Coimbra, Almedina, pp. 47-84.
- GEERAERTS, Dirk; GRONDELAERS, Stefan e BAKEMA, Peter (1994), *The Structure of Lexical Variation. Meaning, Naming, and Context*, Berlin, Mouton de Gruyter.
- GEERAERTS, Dirk; GRONDELAERS, Stefan e SPEELMAN, Dirk (1999), *Convergentie en divergentie in de Nederlandse woordenschat*, Amsterdam, Meertens Instituut.
- GRONDELAERS, Stefan e GEERAERTS, Dirk (2003), “Towards a pragmatic model of cognitive onomasiology”, in Cuyckens, Hubert, Dirven, René & Taylor, John (eds.), *Cognitive Approaches to Lexical Semantics*, Berlin, Mouton de Gruyter, pp. 67-92.
- KELLER, Rudi (1994), *On Language Change: The Invisible Hand in Language*, London/New York, Routledge.
- KOCH, Peter (1997), “La diacronia quale campo empirico della semantica cognitive”, in Carapezza, Marco, Gambarara, Daniele & Lo Pipaparo, Franco (eds.), *Linguaggio e Cognizione. Atti del XXVIII Congresso della Società di Linguistica Italiana*, Roma, Bulzoni, pp. 225-246.
- KÖVECSES, Zoltán (1990), *Emotion Concepts*, New York, Springer-Verlag.
- \_\_\_\_ (2000), *Metaphor and Emotion. Language, Culture, and Body in Human Feeling*, Cambridge: Cambridge University Press.
- LAKOFF, George e JOHNSON, Mark (1980), *Metaphors We Live By*, Chicago, The University of Chicago Press.
- \_\_\_\_ (1999), *Philosophy in the Flesh. The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*, New York, Basic Books.
- LANGACKER, Ronald W. (1987), *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol. I, *Theoretical Prerequisites*, Stanford, Stanford University Press.
- MOLINA, Clara (2000), *Give sorrow words. Reflexiones semánticas y lexicológicas en torno al dolor en la lengua inglesa desde la diacronía cognitiva*, Dissertação de Doutoramento, Universidade Complutense de Madrid.
- PUSTEJOVSKY, James (1995), *The Generative Lexicon: A Theory of Computational Lexical Semantics*, Cambridge, MA, MIT Press.
- SILVA, Augusto Soares da (1996), “Sobre a estrutura da variação lexical. Elementos de lexicologia cognitiva”, *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Vol. III, Lisboa, Colibri, pp. 413-423.
- \_\_\_\_ (1999), *A Semântica de DEIXAR: Uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- \_\_\_\_ (2001), “Libertar, partir e permitir: Um triângulo evolucionário interlinguístico”, *Revista Portuguesa de Humanidades* 5, pp. 193-214.
- \_\_\_\_ (2002), “Porque e como é que surgem novos significados? Prototipicidade e eficiência cognitiva e comunicativa”, in Head, Brian *et al.* (orgs.) *História da Língua e História da Gramática. Actas do Encontro*, Braga, Universidade do Minho, pp. 421-433.



- \_\_\_\_\_ (2003a), "Image schemas and category coherence: The case of the Portuguese verb *deixar*", in Cuyckens, Hubert, Dirven, René & Taylor, John (eds.), *Cognitive Approaches to Lexical Semantics*, Berlin, Mouton de Gruyter, pp. 281-322.
- \_\_\_\_\_ (2003b), "O poder cognitivo da metáfora e da metonímia", *Revista Portuguesa de Humanidades* 7, pp. 13-75.
- \_\_\_\_\_ (2004a), "Protótipos, imagens e metáforas, ou o experiencialismo da linguagem e do pensamento", in Dinis, Alfredo & Curado, José M. (orgs.), *Consciência e Cognição*, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, pp. 79-96.
- \_\_\_\_\_ (2004b), "Introdução: linguagem, cultura e Cognição, ou a Linguística Cognitiva", in Silva, Augusto Soares, Torres, Amadeu & Gonçalves, Miguel (orgs.), *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*, Vol. I, Coimbra, Almedina, pp. 1-18.
- \_\_\_\_\_ (2004c), "Release, leave and let: Cross-linguistic and cognitive evidence for an evolutionary triangle", comunicação apresentada no *International Conference on Language, Culture, and Mind*, University of Portsmouth, UK, 18-20 Julho 2004.
- \_\_\_\_\_ em preparação, *O Reino dos Sentidos: Polissemia, Semântica e Cognição*.
- SPEELMAN, Dirk; GRONDELAERS, Stefan e GEERAERTS, Dirk (2003), "Profile-based linguistic uniformity as a generic method for comparing language varieties", *Computers and the Humanities* 37: pp. 317-337.
- TAYLOR, John R. (1995), *Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory*, Oxford, Clarendon Press.

AUGUSTO SOARES DA SILVA

ANEXO

	P50		B50		U	U'	P70		B70		U	U'	P00		B00		U	U'	total	
	n	%	n	%	%		n	%	n	%	%		n	%	n	%	%		n	
<b>Árbitro</b>																				
árbitro	382	80,3	70	45,8			238	85,6	18	12,6			177	84,7	110	79,7				
juiz	56	11,8	83	54,2			31	11,2	125	87,4			32	15,3	28	20,3				
juiz de campo	38	8,0	0	0,0			9	3,2	0	0,0			0	0,0	0	0,0				
"ref(eree)"	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0				
referi	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0				
refre	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0				
					55,5	6,13					23,7	2,15					95,0	7,12		1397
<b>Atacante</b>																				
atacante	80	11,4	54	44,3			41	13,1	169	82,5			22	11,2	357	99,4				
avanzado	506	72,1	2	1,6			144	46,2	3	1,5			95	48,5	2	0,6				
avante	0	0,0	42	34,4			0	0,0	2	1,0			0	0,0	0	0,0				
clanteiro	111	15,8	10	8,2			65	20,8	0	0,0			21	10,7	0	0,0				
"forward"	1	0,1	13	10,7			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0				
ponta-de-lança	4	0,6	1	0,8			62	19,9	32	15,5			58	29,6	0	0,0				
					21,9	3,06					30,1	3,35					11,8	1,41		1897
<b>Falta</b>																				
falta	166	90,7	33	56,9			74	86,0	71	100			90	91,8	198	100				
"foul"	0	0,0	16	27,6			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0				
golpe	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0				
infra(c)ção	6	3,3	8	13,8			8	9,3	0	0,0			7	7,1	0	0,0				
obstrução	11	6,0	1	1,7			4	4,7	0	0,0			1	1,0	0	0,0				
violação	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0				
					61,9	2,53					86,0	2,90					91,8	5,87		694
<b>Finta</b>																				
corte	0	0,0	0	0,0			0	0,0	1	4,5			0	0,0	1	4,2				
drible(ing)	37	62,7	4	33,3			22	59,5	21	95,5			9	75,0	23	95,8				
engano	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0				
"feint"	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0				
finta	22	37,3	8	66,7			14	37,8	0	0,0			2	16,7	0	0,0				
lesa	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0				
manobra	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0				
simulação	0	0,0	0	0,0			1	2,7	0	0,0			1	8,3	0	0,0				
					70,6	0,85					59,5	0,75					75,0	0,58		166
<b>Fora-de-jogo</b>																				
banheira	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0				
deslocação	22	22,0	0	0,0			15	22,1	0	0,0			3	5,4	0	0,0				
fora-de-jogo	29	29,0	0	0,0			18	26,5	0	0,0			49	87,5	0	0,0				
impedimento	0	0,0	7	87,5			0	0,0	16	100			0	0,0	9	100				
"offside"	2	2,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0				
"off-side"	47	47,0	1	12,5			35	51,5	0	0,0			4	7,1	0	0,0				
					12,5	0,23					0,0	0,00					0,0	0,00		257
<b>Golo</b>																				
bola		0,0		0,0				0,0						0,0		0,0				
"goal"	1	0,1	426	75,9			0	0,0	1	0,1			0	0,0	0	0,0				
gol	0	0,0	6	1,1			0	0,0	1095	99,7			0	0,0	1291	100				
gól	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0				
golo	1491	77,3	0	0,0			1264	90,6	0	0,0			972	94,6	0	0,0				
ponto	120	6,2	1	0,2			25	1,8	0	0,0			6	0,6	0	0,0				
tento	318	16,5	128	22,8			106	7,6	2	0,2			49	4,8	0	0,0				
					16,7	7,05					0,2	0,10					0,0	0,00		7302
<b>Grande Penalidade</b>																				
castigo máximo	22	7,5	0	0,0			4	2,2	0	0,0			7	3,6	0	0,0				
castigo-mor	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0				
falta máxima	0	0,0	1	1,2			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0				
grande penalidade	176	60,1	0	0,0			106	57,0	0	0,0			107	55,2	0	0,0				

*PALAVRAS E CONCEITOS NO TEMPO:  
PARA UMA ONOMASIOLOGIA DIACRÓNICA E COGNITIVA DO PORTUGUÊS*

	P50		B50		U	U'	P70		B70		U	U'	P00		B00		U	U'	total n
	n	%	n	%			n	%	n	%			n	%	n	%			
penalidade	13	4,4	6	7,2			3	1,6	0	0,0			0	0,0	1	0,7			
penalidade máxima	7	2,4	10	12,0			1	0,5	2	11,8			1	0,5	0	0,0			
penáti	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			
pênalti	0	0,0	0	0,0			0	0,0	15	88,2			0	0,0	142	99,3			
"penalty"	75	25,6	66	79,5			72	38,7	0	0,0			79	40,7	0	0,0			
					32,4	2,07					0,5	0,02					0,0	0,00	916
<b>Guarda-redes</b>																			
arqueiro	0	0,0	69	57,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			
"goal-keeper"	0	0,0	1	0,8	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0			
goleiro	0	0,0	13	10,7			3	1,4	209	100			0	0,0	281	100			
golquiper	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			
guarda-meta	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			
guarda-rede	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			
guarda-redes	412	84,9	0	0,0			163	75,8	0	0,0			130	81,3	0	0,0			
guarda-vala	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			
guarda-valas	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			
guardião	59	12,2	8	6,6			39	18,1	0	0,0			30	18,8	0	0,0			
"keeper"	5	1,0	30	24,8			9	4,2	0	0,0			0	0,0	0	0,0			
ponte(ão)	9	1,9	0	0,0			1	0,5	0	0,0			0	0,0	0	0,0			
quiper	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			
vigia	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			
					7,6	0,78					1,4	0,13					0,0	0,00	1471
<b>Pontapé</b>																			
chute	16	6,5	1	3,1			0	0,0	116	100			0	0,0	94	100			
chuto	11	4,5	0	0,0			5	6,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			
"kick(-off)"	0	0,0	1	3,1			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			
panázio	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			
pelotada	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			
pontapé	218	89,0	0	0,0			78	94,0	0	0,0			54	100	0	0,0			
quique	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			
"shoot"	0	0,0	30	93,8			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			
					3,1	0,15					0,0	0,00					0,00	624	
<b>Pontapé de canto</b>																			
canto	245	96,8	0	0,0			68	86,1	0	0,0			28	52,8	0	0,0			
chute de canto	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			
corner (córner)	1	0,4	18	66,7			3	3,8	15	93,8			0	0,0	3	7,9			
escanteio	0	0,0	8	29,6			0	0,0	1	6,3			0	0,0	35	92,1			
esquinado	0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			
pontapé de canto	7	2,8	0	0,0			8	10,1	0	0,0			25	47,2	0	0,0			
tiro de canto	0	0,0	1	3,7			0	0,0	0	0,0			0	0,0	0	0,0			
					0,4	0,02					3,8	0,08					0,0	0,00	466
<b>Total</b>	4726		1177			22,9	2739	1914				9,5	2059	2575				15,0	15190

